

reconhecendo, embora isso lhe doa, como pecador. Esse reconhecimento, contudo, não deve empurrá-lo nem em direção ao desespero e nem em direção à banalização do pecado, mas antes impulsioná-lo ao Cristo crucificado e ressurreto. Com isso, como que automaticamente o olhar se desloca do próprio progresso ou da própria queda e se volta para Cristo, ou seja, acontece a mudança de olhar decisiva da fé, que desloca o olhar do pecador e o volta em direção ao justificado por causa de Cristo. A partir disso se desenvolve um saber acerca do pecado e suas implicações estorvadoras e destruidoras, caracterizado pela sobriedade, tanto na vida pessoal quanto no âmbito comunitário. Simultaneamente, porém, a confiança e a certeza de que o Reino de Deus é construído ininterruptamente e conduzido à sua consumação gloriosa por intermédio do poder criador do Deus triuno, em meio a toda aparência de miséria e fragilidade (*Unansehnlichkeit*; cf. Lutero: *sub contrario*) – individual e relativa à totalidade da igreja. Com esta manifestação visível do Reino de Deus, a vitória de Cristo sobre o pecado na cruz e na ressurreição então se tornará conhecida de forma universal. Então também a tensão do *simul iustus et peccator* finalmente chegará a seu fim e a santificação será plena e definitiva.

Quando o Pietismo se opõe a todo e qualquer desleixo da santificação, ele recorre corretamente a Lutero ao dar esse enfoque, pois o esboço acima mostrou que Lutero faz do tema “santificação” justamente o centro de sua ocupação com o terceiro artigo do Credo Apostólico: o Espírito Santo realiza aquilo que seu nome significa: ele santifica. Também não é possível deixar de ver que na expressão “varrer o pecado para fora”, também há amostras concretas do seu agir [para Lutero]. Mas a colocação desse enfoque não deve conduzir a querer ver na santificação um agir autônomo do crente, separado ou isolado da justificação, de modo que este tivesse que comprovar sua autenticidade em determinadas características externas marcantes e visíveis. Isso não significa que o cristão deve se abster de quaisquer atividades para não “estorvar” o agir divino. Antes é assim que a libertação por Cristo opera também a libertação da criatura para o exercício amplo dos dons que recebeu como criatura. Ainda assim, todo o fazer, o lutar ou o sofrer permanecem imprescindivelmente sob o designativo “presente”: porque justificação e santificação permanecem fundamentadas total e unicamente na bondade do Deus que presenteia, por isso o olhar do crente é tirado sempre novamente da auto-observação e fixado unicamente no Senhor crucificado e ressurreto. Apenas ao volver o olhar nesta última direção é que ele encontra paz, recebe certeza e espera confiantemente pela consumação da justificação e da santificação na revelação da glória de Deus no dia derradeiro.

## “A FÉ QUE É ATIVA NO AMOR” A DIMENSÃO DIACONAL DO PIETISMO COMO UM DESAFIO PARA O PRESENTE \*

Martin Flaig \*\*

“Diaconia é fator natural do cristianismo. Nela encontramos um dos aspectos básicos da essência da Igreja. Que proclamação e auxílio prático, perdão e cura pertencem um ao outro de uma forma indivisível, isso nos é exemplificado no caminho e na obra do Jesus terreno, como também é algo que foi aceito pelas primeiras comunidades cristãs e por elas continuado. No entanto, no tempo em que vivemos, aspectos que antes eram naturais perdem sua naturalidade. Também na igreja e na diaconia a pretensão e a realidade, bem como a afirmação bíblica e a realidade presente se distanciam cada vez mais. Hoje estamos muito distantes do objetivo de sermos uma comunidade diacônica”.<sup>1</sup> Dessa forma o ex-bispo da Igreja de Württemberg, Theo Sorg, descreve de forma crítica, mas acertada a situação presente da igreja e aponta para o próprio Senhor da igreja e a origem da igreja nos seus primórdios.

A fé cristã é “fé que atua no amor”, como Paulo mesmo o formulou, sendo que nessa expressão ele resume a importância de estar “em Cristo Jesus”, conforme Gálatas 5.6. Portanto, a fé e o amor são os dois lados

\* Fonte: Hartmut Schmid (Ed.): Was will der Pietismus? (c) R. Brockhaus Verlag, Wuppertal 2002.

\*\* Martin Flaig é pastor da Igreja Evangélica Alemã e Assistente de Estudos do Albrecht-Bengel-Haus, em Tübingen. O presente artigo foi traduzido por Hans Jürgen Jung, tendo por título original: “Glaube, der in der Liebe tätig ist”- Die diakonische Dimension des Pietismus als Herausforderung für die Gegenwart, in: Hartmut Schmid (Ed.). Was will der Pietismus? Historische Beobachtungen und aktuelle Herausforderungen. Beiträge aus dem Albrecht-Bengel-Haus, Tübingen. Wuppertal: R. Brockhaus 2002, p. 157-187.

<sup>1</sup> Theo SORG. *Gemeinde in diakonischer Verantwortung. Vortrag auf der Tagung “Miteinander teilen” am 26. April 1991*, p. 34.

inseparáveis de uma mesma moeda. O amor pertence à natureza da fé. Assim podemos dizer que agir de forma diacônica, ou seja, em amor prático, é conseqüentemente uma expressão natural da fé.

Se neste contexto questionarmos a situação do Pietismo atual, não somente críticos, como também pessoas que se consideram pietistas, irão relacionar com este estilo do Pietismo pessoas que se importam principalmente com Bíblia e oração, missão e evangelização. Com isso, na prática, aspectos importantes do cristianismo são considerados. Esses aspectos foram e continuam sendo objetivos importantes do Pietismo, tanto na história quanto na atualidade. Mas, infelizmente, muitos associam ao nome “Pietismo” um grupo de pessoas piedosas recolhidas do mundo, ou ainda pregadoras de moral e desconhecedoras da realidade, as quais são conhecidas já de longe pela sua piedade dominical. Mas o Pietismo, que é conhecido como um movimento dinâmico, que vai ao encontro do sofrimento humano e se esforça concretamente pelos problemas deste mundo... – esse movimento é conhecido por poucos. Apesar de serem conhecidas algumas instituições de diaconia com ênfase pietista, bem como alguns poucos grupos de engajamento diaconal, e um número cada vez menor de diaconisas que se consideram pietistas, hoje em dia raramente se relacionam tais dimensões sociais e diacônicas com o Pietismo.

A princípio, não iremos discutir o quanto tais afirmações correspondem ao Pietismo real. Mas quando olhamos para as suas raízes, observamos que foi um importante mérito do Pietismo ter novamente enfatizado a diaconia como aspecto natural do cristianismo, e tê-la colocado no horizonte da igreja, da comunidade cristã e de seus membros.

## I. A DIMENSÃO DIACONAL DO PIETISMO

Em seus primórdios, o movimento não se autodenominou de “Pietismo”; oponentes dele atribuíram-lhe esse nome, de forma depreciativa. Ainda assim, tal designação acerta em cheio o cerne do movimento, cujos objetivos originais eram a renovação da piedade (do latim *pietatis*) e da igreja.

Perante a antiga supremacia da ortodoxia, o Pietismo, referindo-se a Martinho Lutero, enfatizou de uma forma nova a vida da comunidade e de cada cristão. Apesar de a Ortodoxia ter-se esforçado pela doutrina correta (do grego *orthodoxe*), ela acabou deixando de lado a questão da vivência da fé, em meio às contendas doutrinárias que ocorriam em seu meio.

Sob esse pano de fundo surge o Pietismo, como um movimento progressivo e dinâmico, o qual revitalizou a práxis da piedade, a *práxis pietatis*, (de onde procede a nomenclatura Pietismo), fazendo desta o seu tema central. A diaconia era, nesse contexto, uma dimensão essencial, pois não influenciou apenas o pensamento teológico de representantes clássicos do Pietismo, mas também o seu trabalho. A relevância da diaconia será mostrada de uma forma paradigmática, em seguida, na vida e obra de Philipp Jakob Spener e August Hermann Francke. Num outro tópico, iremos esboçar brevemente a importância permanente da diaconia no decorrer da história do Pietismo e no Movimento do Avivamento/Despertamento.<sup>2</sup>

### I. Philipp Jakob Spener

Philipp Jakob Spener (1635-1705), o Pai do Pietismo, reconheceu a discrepância entre a igreja evangélica de sua época e os objetivos da reforma de Martinho Lutero. Ele viu a falta de fé viva e genuína como sendo a causa da ruína interna da igreja evangélica, segundo seu próprio julgamento. Isso nos é apresentado de forma clara no seu escrito de reforma, intitulado, “*Pia Desideria*, mudança para o futuro”, o qual veio a se tornar, posteriormente, no escrito contendo o programa de reformas do Pietismo. “Há muitos que conduzem de forma evidente uma vida não cristã...”<sup>3</sup> Essa é a conclusão à qual Spener chega, razão pela qual combate uma falsa certeza da salvação. Segundo ele, o *sola gratia* (somente a graça) da Reforma tem sido continuamente mal-interpretado, como se o assunto em questão fosse a justificação do pecado, e não do pecador. Tendo a Reforma superado a compreensão de justificação por obras, insinuou-se a noção de que o fazer boas obras em si não é necessário. “Nós estamos convencidos pela experiência diária, de que não poucos pensam que a totalidade do cristianismo reside no fato de que tenham sido batizados, ouçam a Palavra de Deus na pregação, confessem seus pecados e recebam a absolvição e participem da ceia, e com isso, pensem terem servido a Deus. No entanto, nessas práticas, esteja o coração como estiver, que os frutos não surgirão”<sup>4</sup> Spener busca pelo fundamento dessa falsa certeza

<sup>2</sup> Confira abaixo, 1.3. Se a dimensão da diaconia, no Pietismo, fosse apresentada em sua totalidade e diversidade, o espaço previsto para este capítulo seria extrapolado. A apresentação contida no capítulo 1.3 limita-se a aspectos essenciais da história do Pietismo.

<sup>3</sup> Philipp Jakob SPENER. *Pia Desideria oder herliches Verlangen nach gottgefälliger Besserung der wahren Evangelischen Kirche*, in: E. Beyreuther (Ed.). *Pia Desideria. Umkehr in die Zukunft. Reformprogramm des Pietismus*. 5. ed. Giessen: Brunnen Verlag 1995, p. 29.

<sup>4</sup> Op. cit., p.31.

za da salvação de seus contemporâneos e observa: “Quando lhes questionamos no que está baseada sua firme confiança, iremos constatar, como eles mesmos admitem, que eles confiam no fato de que não são justificados mediante suas próprias vidas. ... Com isso eles mantêm a ilusão carnal de serem ... como sendo a fé que justifica. Isso é um terrível engano do Diabo, como todo erro o pode ser: um tal fantasma, que concede a justificação a um ser humano que se sente seguro”.<sup>5</sup> Spener contrapõe ao erro de uma fé sem conseqüências, a qual fica sem fruto e sem forma, uma fé genuína e ativa. Para isso, ele cita o prefácio de Martinho Lutero ao livro de Romanos, no qual Lutero caracteriza a fé como “uma obra divina em nós”, “que nos transforma, faz renascer a partir de Deus (Jo 1.13) e mata o velho Adão”. Essa fé, conforme Lutero, “faz de nós pessoas bem diferentes quanto ao coração, a coragem, a mente e toda a força, trazendo o Espírito Santo consigo. Oh, essa questão da fé é algo vivo, ativo e efetivo, a ponto de ser impossível que ela não fosse fazer o bem incessantemente. Ela não questiona se há boas obras a realizar, mas antes de questionar, ela já as fez e sempre as estará fazendo”.<sup>6</sup>

Sem distanciar-se da justificação somente pela fé, mas partindo dela, é desejo de Spener “que se ensine às pessoas e as acostume a crer que o aspecto do saber na cristandade realmente não é suficiente, antes consiste muito mais da prática. Pois nosso querido Salvador nos ordenou várias vezes o amor como o verdadeiro distintivo de seus discípulos”.<sup>7</sup> E partindo disso, conforme Spener, “quase tudo o que pedimos será alcançado, quando despertarmos e conseguirmos praticar um amor fervoroso entre nós cristãos, primeiramente uns para com os outros, e depois para com toda a humanidade... pois nisso estão contidos todos os mandamentos (Rm 13.9).<sup>8</sup>

Para Spener, naturalmente, pertenciam a essa fé que se mostra ativa no amor, as dimensões do agir diaconal e social. Assim encontramos nas propostas de reforma de Spener a exigência de uma “comunhão diferente da bondade”<sup>9</sup> de acordo com o exemplo da igreja primitiva. Ele enxergava como uma “ofensa do direito divino do amor”<sup>10</sup> o fato de alguém não ajudar o necessita-

do. De uma forma aberta ele criticava a decadência da sociedade da sua época: para os primeiros cristãos, segundo Spener, “não havia a necessidade de se mendigar entre os irmãos... Mas agora, chegou-se a tal ponto que o mendigo precisa ser visto como uma mancha de vergonha para a cristandade”.<sup>11</sup> Fazendo referência ao povo de Deus no Antigo Testamento, que dava mais do que o dizimo, Spener traz à memória dos cristãos de sua época que “em Cristo nos foram dados benefícios bem maiores do que as dádivas recebidas pelos fiéis do Antigo Testamento. Portanto deveríamos, quando as necessidades do próximo o pedem, estar preparados para destinar não menos do que o povo de Deus outrora, mas mais e até tudo o que temos”.<sup>12</sup>

Spener vê nas Sagradas Escrituras a fonte para todo melhoramento, sugerindo a partir disso, em seu programa de Reforma, “trazer a Palavra de Deus de uma maneira mais abundante em nosso meio”. Ao mesmo tempo, ele sacode os seus contemporâneos, advertindo-os acerca de um ouvir a Palavra de Deus sem conseqüências: “Tu ouves a Palavra de Deus, isso é correto. Mas não é suficiente o fato de teu ouvido a escutar. Tu permites também a penetração dela no teu coração, a fim de que o alimento celestial te dê força e sustento? Ou ela entra por um ouvido e sai pelo outro? O Senhor diz: *Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.* (Lc 11.28)”.<sup>13</sup> Mas apenas ouvir não torna ninguém bem-aventurado, somente aumenta a condenação, se a pessoa não empregar a graça recebida.<sup>14</sup> Spener constata naqueles que “querem ser bons cristãos”<sup>15</sup> uma falta de consciência, pois até as instruções da Palavra de Deus não levam mais a sério. Segundo Spener, isso tem seu motivo num “hábito triste”, o qual “obscurece as regras do nosso cristianismo”. Dessa forma, faz com que “queira nos parecer absurdo, quando alguém realiza, em situações bem específicas, o que é sabido por todos pela frase de conhecimento universal: que amemos nosso próximo como a nós mesmos”.<sup>16</sup> Portanto, a crítica de Spener se dirige àqueles que ouviram e naturalmente responderam com um “sim” à Palavra de Deus, mas que não a levaram à sua correspondente prática. Spener contestou toda fuga da realidade deste mundo, como também toda espiritualização da *praxis pietatis*, as-

<sup>5</sup> Op. cit., p. 29s.

<sup>6</sup> Martin LUTHER, *Vorrede auf die Epistel S. Pauli an die Römer* (1522), in: H. Bornkamm (Ed.), *Luthers Vorreden zur Bibel*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1989, p. 182.

<sup>7</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 59. Nesse ponto, Spener aponta para João 15.12; 1 João 3.10,18; 4.7,8,11-13,21.

<sup>8</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 60.

<sup>9</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 26.

<sup>10</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 26.

<sup>11</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 27.

<sup>12</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 27s.

<sup>13</sup> N.T.: No caso de citações bíblicas, usaremos aqui sempre a edição revista e atualizada da tradução de João Ferreira de Almeida.

<sup>14</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 31s.

<sup>15</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 26.

<sup>16</sup> P. J. SPENER, op. cit., p. 26.

pectos que mais tarde infelizmente se infiltraram em segmentos do Pietismo. Spener é muito mais patrocinador de um cristianismo de ação, que se sabe como devedor de uma ética neotestamentária e, não por último, é motivado por uma “esperança de tempos melhores”,<sup>17</sup> quiliástica. Os pensamentos de Spener jamais ficaram apenas na teoria. Pelo contrário, ele se empenhou efetivamente no engajamento diaconal e social em favor de seus contemporâneos. Assim ele pedia dos cristãos o cumprimento do amor cristão em seus deveres profissionais, e exigia do Estado o cuidado com os pobres. Pode-se mencionar aqui o próprio engajamento social e político de Spener. Este se mostrou na reorganização da assistência para com os pobres na cidade de Frankfurt, pela qual ele ficou conhecido por toda a Alemanha. Nesse contexto, também é considerável citar um parecer para remediar a praga dos miseráveis em Berlim,<sup>18</sup> no qual Spener luta, por um lado, pela criação de empregos, e por outro lado, exige eventos públicos, nos quais inválidos, viúvas e órfãos sejam tratados com dignidade humana, isso sem observar quem é a pessoa beneficiada e sua crença. Para financiar essa proposta, dever-se-ia recorrer ao município, motivo pelo qual o príncipe introduziu, em 1695, o caixa central para os pobres (*Hauptarmenkasse*). Não por último, surgiram a partir da iniciativa de Spener, várias organizações diaconais e sociais como, por exemplo, o Lar para pobres e órfãos de Frankfurt.<sup>19</sup>

## 2. August Hermann Francke

Tendo sido inspirado por seu professor e amigo Spener, mas levando adiante os pensamentos deste, August Hermann Francke (1663-1727) inicia uma nova época da diaconia cristã ao tornar-se pastor e professor da Universidade de Halle.<sup>20</sup> Depois de a igreja ter deixado as obras de caridade sob o cuidado de órgãos estatais, isso desde a Idade Média, ressurgiu, por meio de Francke, o agir cristão em amor, voltado para a nova vida das pessoas. Em Francke, portanto, não encontramos apenas mais um importante representante do Pietismo clássico, mas o fundador do Pietismo da cidade de Halle.

Transformar a vida pública e social pelo evangelho era o objetivo de Francke.<sup>21</sup> A citação de Lutero, também encontrada na *Pia Desideria* de Spener,

que trata da fé verdadeira, viva e ativa, que “nos transforma e nos faz nascer de Deus” e que produz “coisas boas incessantemente”, também influenciou toda a obra de vida de Francke.<sup>22</sup>

Para ele, fé e ação, missão e diaconia estão intrinsecamente interligadas. “Pois”, segundo Francke, “como nós poderíamos testemunhar fidedignamente a Palavra da liberdade cristã a todos aqueles que estão amarrados e presos sob o poderio do mal, se nós mesmos, em nossas vidas, não temos experimentado nada disso?”<sup>23</sup>

Francke, assim como também Spener, lutou contra uma piedade reduzida ao relacionamento entre Deus e o homem. Não há, para Francke, fé cristã sem uma vida cristã. A fé genuína possui uma forma bem concreta, expressando-se de uma maneira efetiva na vida, principalmente no amor ao próximo: “Alguém prova ser cristão na medida em que ele for uma pessoa de oração fiel a Deus e na medida em que ele exercitar seu amor para com o próximo. Senão tudo não passa de falatório”.<sup>24</sup> Em uma de suas prédicas, Francke relembra o centurião romano Cornélio, citado em Atos 10, ao qual aparece um anjo dizendo: “As tuas orações e as tuas esmolas subiram para memória diante de Deus”, e comenta: “Isso deve ensinar-nos quais são as duas atitudes mais nobres daquele que vive de forma agradável a Deus, para com Deus e com os homens”.<sup>25</sup> A oração, conforme Francke, é “todo teu serviço prestado a Deus”.<sup>26</sup> Ele não compreende a esmola apenas como uma ajuda financeira, mas a entende integrando-a a instrução de Jesus em Mateus 25, como sendo “uma amorosa prova de amor para com o próximo, quando saciamos os famintos, vestimos os nus, damos de beber aos sedentos, visitamos os presos e doentes”. Francke continua: “Permitamos, portanto, que a torrente do amor de Deus seja espalhada por todas as ruas e becos, de bom grado... não perdendo as oportunidades de servir, assim que alguém venha a precisar, fazendo uso dos dons que o Senhor Deus nos conferiu”.<sup>27</sup> Francke teme, ao pensar nos seus ouvintes, que por meio do exemplo de Cornélio “a maioria irá se sentir envergonhada. Pois irão encontrar em si mesmos que suas orações tem sido muito econômicas e seu amor para com os pobres tem

<sup>17</sup> Cf. Johannes WALLMANN. *Kirchengeschichte Deutschlands seit der Reformation*. Tübingen: Mohr 1998, p.138.

<sup>18</sup> Por causa desse parecer, Spener foi procurado pelo príncipe Frederico III .em 1663.

<sup>19</sup> Cf. E. BEYREUTHER. *Geschichte der Diakonie und inneren Mission*, in: H. Chr. von Hase (Ed.). *Lehrbücher für die diakonische Arbeit*. Vol. 1. Berlim 1962, p. 32s.

<sup>20</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 34.

<sup>21</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 39.

<sup>22</sup> Cf. *Selbzeugnisse August Hermann Franckes aus Verkündigung und Lebensberichten ausgewählt und eingeleitet von E. Beyreuther*. Marburg a.d. Lahn 1963, p. 44.

<sup>23</sup> Cf. *Selbzeugnisse*, p. 64.

<sup>24</sup> Cf. *Selbzeugnisse*, p. 65.

<sup>25</sup> Cf. *Selbzeugnisse*, p. 67.

<sup>26</sup> Cf. *Selbzeugnisse*, p. 68.

<sup>27</sup> Cf. *Selbzeugnisse*, p. 68.

sido pequeno e pouco caloroso... O Espírito Santo não poderá testemunhar aos seus corações que suas orações e esmolas tem chegado à memória diante de Deus”.<sup>28</sup>

Francke vê, de uma forma parecida com a de Spener, que a causa para a *praxis pietatis* ser tão faltante e deficiente em sua época, está no medo protestante de retornar à justificação por obras, como também no mal-entendido de que a justificação somente pela fé dispense a realização de boas obras. “A tal ponto chegamos, nós que nos consideramos luteranos. Por termos ouvido, tantas vezes, que os católicos querem ser bem-aventurados por meio das boas obras, fato que é negado no ensino luterano, assim a maioria acaba pensando que nem é mais seu dever fazer o bem... Mas se a doutrina luterana trouxesse esta implicação consigo, que não devemos fazer boas obras, então gostaríamos de desmenti-la eternamente”.<sup>29</sup> Um cristianismo apenas de domingo, o qual não traz conseqüências para o dia-a-dia, é recusado veementemente por Francke, neste contexto, sendo que ele finaliza sua prédica com as seguintes palavras: “Podemos falar muita coisa boa do cristianismo, podemos dizer muito a respeito ou louvá-lo, podemos ler sobre o cristianismo, ir à igreja, mas isso é apenas um vapor vaidoso, se estiver sem a força verdadeira. Teu coração precisa ser um templo de oração e tua casa um lar de pobres, sim, uma casa das esmolas, conforme o exemplo de Cornélio”.<sup>30</sup>

O que Francke pregava, isso ele também vivia. Com ele inicia-se uma nova época de diaconia institucional cristã,<sup>31</sup> um modelo de Instituição Comunitária Diaconal (*Diakonische Anstaltsgemeinschaft*), que ele realizou em grande estilo nas “Instituições de Francke” (*Francke'sche Anstalten*), em Halle. A esse engajamento diaconal de Francke juntam-se ainda objetivos evangelísticos, missionários, sociais e pedagógicos.<sup>32</sup>

O Pietismo de Halle influenciou fortemente o Estado da Prússia, e não somente a ele, como também conscientizou e fortaleceu o povo da igreja em suas responsabilidades sociais.<sup>33</sup>

<sup>28</sup> Cf. *Selbzeugnisse*, p. 69.

<sup>29</sup> Cf. *Selbzeugnisse*, p. 69. Nesse ponto, Francke remete ao Tratado de Lutero “Das boas Obras” e à sua introdução ao livro de Romanos, dos quais retira “que a fé não existiria se não fizesse boas obras sem cessar.”

<sup>30</sup> Cf. *Selbzeugnisse*, p. 70.

<sup>31</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 34.

<sup>32</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 37.

<sup>33</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 41.

### 3. A diaconia no decorrer da história do Pietismo e do Movimento do Despertamento

Spener e Francke representam vários homens e mulheres na história posterior do Pietismo. Este, nas suas raízes, deu ao trabalho diaconal novos impulsos em vários aspectos: ele cooperava com organizações do governo e fundava instituições de diaconia próprias da igreja. Após ser redescoberta e aplicação do pensamento do sacerdócio geral de todos os crentes, e, ligado a isso, também a ativação dos leigos, o Pietismo dos séc. XVII e XVIII também promoveu, em especial, o engajamento diaconal de cada um dos membros da comunidade.<sup>34</sup> O desenrolar posterior da história do Pietismo, respectivamente do Despertamento, tem como distintivo um elevado engajamento diaconal, tanto de obreiros cristãos como de leigos. O Conde Ludwig von Zinzendorf, tendo sido influenciado pelo Pietismo, vinculou seu caloroso amor a Jesus com o impulso de ser uma testemunha de Jesus Cristo a todas as pessoas.<sup>35</sup> Ele criou, juntamente com a Comunidade dos Irmãos de Herrnhut (*Herrnhuter Brüdergemeine*), uma Igreja da Espontaneidade (*Freiwilligkeitskirche*), a qual desde o princípio interligou missão e diaconia.<sup>36</sup>

Diante do crescente empobrecimento das massas populacionais, no início do séc. XIX, permaneceu um vácuo na assistência social, que não pôde ser preenchido pelo Estado nem pela Igreja oficial. Dessa forma, principalmente o Movimento de Despertamento veio a ser a matriz da diaconia e da missão interna.<sup>37</sup> A expectativa da volta de Jesus Cristo foi totalmente conectada à firme certeza de que Cristo age neste mundo com o propósito de construir seu Reino. Este amor cristão, sendo motivado pela esperança no Reino de Deus, não trouxe apenas um alto índice de engajamento missionário, mas produziu as mais diversas iniciativas diaconais, trazendo a fundação de várias organizações diaconais. O Pastor Johann Friedrich Oberlin (1740-1826), da região da Alsácia, não foi somente um incansável pregador do evangelho, mas também se tornou num dos pais e idealizadores das escolas infantis e do sistema de sindicatos.<sup>38</sup>

O Barão Hans Ernst von Kottwitz (1757-1843), influenciado pela “Brüdergemeine” dos irmãos Morávios de Herrnhut, era tido como o líder do

<sup>34</sup> Cf. R. ALBRECHT. Art. *Diakon/Diakonisse/Diakonat II*, in: RGG Vol. 2. Tübingen 1999, Col. 785.

<sup>35</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 45.

<sup>36</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 45.

<sup>37</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 50.

<sup>38</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 51.

movimento de Despertamento da Prússia, devido ao seu engajamento missionário e diaconal.<sup>39</sup> Kottwitz desenvolveu um programa de ajuda aos tecelões economicamente empobrecidos de sua terra natal. Dedicou-se, também, a auxiliar numa reforma do sistema presidiário, bem como a questões ligadas ao trabalho infantil. Recebeu em 1808, em Berlim, um reconhecimento supra-regional pela fundação de um instituto de atividades voluntárias (*Freiwillige Beschäftigungs-Anstalt*).<sup>40</sup>

O Pastor suábio Gustav Werner (1809-1887), que era uma pessoa marcada por uma esperança ardente pelo Reino de Deus, compreendia o mundo como campo de atuação de Cristo. Ele tinha a esperança da irrupção de uma cristandade caracterizada pelo amor joanino. Com Gustav Werner surge a concepção de uma indústria cristã. Ele criou oficinas e fábricas em forma de cooperativas, utilizando os lucros para financiar seu trabalho com crianças, pobres e doentes. Veio a falecer num Hospital que fora construído por ele mesmo.<sup>41</sup>

Enquanto a Igreja Oficial permanecia passiva diante das conseqüências da guerra promovida por Napoleão, homens e mulheres do Movimento de Despertamento reconheceram as necessidades sociais. Viram que esta miséria externa estava intimamente ligada à falta de ética. Christian Friedrich Spittler (1782-1867) e Christian Heinrich Zeller (1779-1860) fundaram, naquela ocasião, na cidade de Beuggen, a primeira Casa de Socorro (*Rettungshaus*) para crianças em situação de miséria. A partir disso, nasceu o Movimento de Casas de Socorro (*Rettungshausbewegung*) do sul da Alemanha, com o qual surge um trabalho de amor com ênfase pedagógica, diaconal e missionária, trabalho esse que posteriormente veio a conduzir à fundação da Missão Interna.<sup>42</sup>

Em Overdyk, na região do Rio Reno, o Conde Adalbert von der Recke-Volmerstein, (1791-1878), fundou uma Associação para Salvação e Educação de Órfãos Abandonados e Filhos de Criminosos (*Gesellschaft zur Rettung und Erziehung verlassener Waisen und Verbrecherkinder*). Mais tarde, em Kraschnitz, criou a Fundação Alemã de Ordem Samaritana (*Deutsche*

*Samariter-Ordensstift*), uma instituição para pessoas portadoras de deficiência mental.<sup>43</sup>

Johann Hinrich Wichern, (1808-1881), após vivenciar a miséria social em Hamburgo, fez com que, em 1833, fosse fundada a Casa Rauhen (*Rauhen Hauses*). Wichern organizou sua instituição de acordo com o seguinte princípio familiar: eram aceitas crianças que vinham de condições sociais problemáticas; na Casa Rauhen, elas viviam juntamente com seus professores numa comunhão de vida, aprendizado e trabalho.<sup>44</sup> Com a formação profissional desses educadores de crianças, Wichern modifica o conceito do ministério diaconal para o âmbito da diaconia masculina.<sup>45</sup>

Seu discurso improvisado no ano revolucionário de 1848, realizado no dia da Igreja em Wittemberg, tornou-se muito conhecido e concedeu um impulso importantíssimo para desenvolvimento posterior. Esse discurso levou à motivação da Missão Interna, que deveria coordenar, por meio de uma comissão central, as mais variadas iniciativas diaconais e missionárias como também as novas fundações. Wichern entendia o amor salvífico que brotava da fé como a força “que arranca as pessoas de sua miséria social e religiosa, e que poderia transformá-las em membros piedosos do Reino de Deus, que se empenham por seus semelhantes”.<sup>46</sup> Portanto, era tarefa da Missão Interna enfrentar o Reino do pecado e da secularização, despertar para a fé e levar pessoas com amor salvífico para Deus.<sup>47</sup>

Tornou-se exemplo para a diaconia feminina o engajamento diaconal de Amalie Sievekings (1794-1859), em Hamburgo, que em sua luta contra a cólera dedicou-se à enfermagem e fundou a Associação Feminina de Assistência a Pobres e Doentes (*Weiblicher Verein für Armen und Krankenpflege*). Ela realizava suas atividades em forma de visitas domiciliares, concessão de empregos, empréstimos e outros auxílios, vindo a ser assim um dos modelos mais antigos de serviço social cristão livremente mantido.<sup>48</sup>

Para os primórdios da Casa de Diaconisas foi decisivo o trabalho do Pastor Theodor Fliedner, (1800-1864), que foi influenciado pela Irmandade de Herrnhut, e que fez com que o trabalho diaconal feminino irrompesse de

<sup>39</sup> Cf. Wolfgang Dieter HAUSCHILD, *Lehrbuch der Kirchen und Dogmengeschichte*. Vol. 2: Reformation und Neuzeit. Gütersloh: Gütersloher Verlag 1999, p. 777f.

<sup>40</sup> Cf. P. MASER. Art. Kottwitz, *Hans Ernst Freiherr von*, in: H. Burkhardt, U. Swarat (Eds.), *Evangelisches Lexikon für Theologie und Gemeinde*. Vol. 2. Wuppertal; Zürich 1993, col. 1171.

<sup>41</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 53.

<sup>42</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 54s.

<sup>43</sup> Cf. E. BEYREUTHER, op. cit., p. 57.

<sup>44</sup> Cf. W. D. HAUSCHILD, op. cit., p. 779.

<sup>45</sup> Cf. J. Chr. KAISER. Art. *Diakonie 1*, in: RGG Vol. 2, col. 792.

<sup>46</sup> Citação de uma placa numa casa – cf. J. Chr. KAISER., op. cit., col. 779.

<sup>47</sup> J. Chr. KAISER., op. cit., p. 794.

<sup>48</sup> Cf. G. BALDERS. Art. *Sieveling, Amalie*, in: H. Burkhardt, U. Swarat (Eds.), *Evangelisches Lexikon für Theologie und Gemeinde*. Vol. 3. Wuppertal; Zürich 1994, col. 1837.

forma definitiva. Em Kaiserwerth, ele fundou várias instituições diaconais e também construiu um hospital, ao qual anexou uma escola para auxiliares de enfermagem femininas. Posteriormente, esta veio a ser uma Casa de Diaconisas que se tornou exemplo para várias outras Casas do mesmo gênero. Fliedner, que tinha o desejo de renovar a diaconia apostólica de acordo com a encontrada no Novo Testamento, promoveu e alcançou a igualdade de direitos do ministério das diaconisas, colocando-o ao lado da diaconia realizada por homens.<sup>49</sup>

Em 1844, o pregador do Movimento de Avivamento, Johann Heinrich Volkening, chamou a primeira Diaconisa Comunitária, que veio a trabalhar numa comunidade eclesial, abrindo assim o período das Diaconisas Comunitárias (*Gemeindediakonissen*).<sup>50</sup>

Como uma das obras mais originais dentre as que surgiram motivadas pelo amor cristão, é digna de menção a obra iniciada pelo Pastor Friedrich von Bodelschwingh, (1831-1910), denominada de Cidade da Misericórdia (*Stadt der Barmherzigkeit*), na região de Bielefeld, que ele planejou chamar de “Betel” (Casa de Deus).<sup>51</sup> Bodelschwingh entendia-se como responsável pelos trabalhos de enfermagem como também pelo melhoramento das condições de vida dos socialmente debilitados. Muita importância recebeu, em especial, seu trabalho com epiléticos.

Eva von Tiele Winckler (1866-1930) pertence às figuras mais impressionantes da diaconia feminina. Ela trilhou, em seus Lares de Crianças, o caminho da pobreza e da obediência à fé, e usou, totalmente e sem reservas, a herança milionária de seu pai para a fundação de Lares para crianças desabrigadas. Eva von Tiele Winckler interligou diaconia e missão a tal ponto que enviou, entre outros, irmãs diaconisas para a obra missionária no interior da China. O trabalho que fora iniciado por ela na Casa de Diaconisas “Friedenshort” em Oberschlesien, foi continuado por 700 irmãs diaconisas.<sup>52</sup>

A partir dos movimentos comunitários, os quais estavam bem fortalecidos na passagem do século, surgiram várias outras instituições diaconais. Foi criada uma Associação Alemã de Diaconia do Movimento de Comunhão (*Deutscher Gemeinschaftsdiakonieverband*) tendo sua sede em Marburg/Lahn. Além disso, foi criada uma Aliança Alemã das Casas de Diaconisas do Movimento de Comunhão (*Bund deutscher Gemeinschaftsdiakonissenhäuser*) e,

no âmbito das igrejas livres, criou-se a Associação das Casas de Diaconisas das Igrejas Evangélicas Livres (*Verband evangelisch-freikirchlicher Diakonissen-Mutterhäuser*).<sup>53</sup>

Apesar de muitas obras não terem sido citadas, o que colocamos aqui deve ser suficiente para mostrar a grande importância da diaconia na história do Pietismo. Também um teólogo luterano, como Gerhard Ullhorn, afirma na sua obra “Geschichte der christlichen Liebestätigkeit” (História da ação de amor cristã) o seguinte: “Apesar de em outros momentos gostarmos de julgar o Pietismo, ...ninguém irá questionar a fama de que ele marca a mudança para o cristianismo prático”.<sup>54</sup> Spener, Francke e outros representantes do Pietismo conseguiram descobrir um equívoco que inibe o ser cristão. Reportando-se a Martinho Lutero, eles traziam à consciência de que a condenação luterana da justificação por obras, não tinha como intenção uma condenação das obras em si.<sup>55</sup> Eles investiam na “fé que se faz ativa no amor” e chamavam a atenção para a dimensão diaconal da fé viva. Portanto, para eles, como também para incontáveis homens e mulheres na história do Pietismo, missão e diaconia, de acordo com o Novo Testamento, são assuntos que estão inseparavelmente ligados.<sup>56</sup>

## II. OBSERVAÇÕES BÍBLICO-TEOLÓGICAS EM RELAÇÃO À FUNDAMENTAÇÃO E À MOTIVAÇÃO DA AÇÃO DIACONAL

Tanto o pensar e agir diaconal de Spener e Francke (vistos nos capítulos 1.1 e 1.2), como também dos muitos outros representantes da história do Pietismo (conforme o capítulo 1.3), está fundamentado e é motivado pela Bíblia. O embasamento nas Escrituras, desde o princípio, foi um distintivo do Pietismo, como movimento bíblico. Também, se temos em vista os atuais desafios do Pietismo, e se for questionado “o que o Pietismo quer?”, necessariamente teremos que acrescentar à resposta que ele busca um firme sentido

<sup>53</sup> Id. *Ibid.*, 84s.

<sup>54</sup> G. ULLHORN. *Geschichte der christlichen Liebestätigkeit*. Citado conforme Klaus BOCKMÜHL. *Die Aktualität des Pietismus*, in: Klaus Bockmühl; Helmuth Burkhardt; G. Maier (Eds.). *Theologie und Dienst*. Caderno 45. Gießen: Brunnen Verlag 1985, p. 42.

<sup>55</sup> Id. *Ibid.*, p. 42.

<sup>56</sup> Cf. F.-J. STEINMEYER, *Die Kirche und ihre Diakonie in der Gesellschaft*, in: Th. Schober; H. Thimme (Eds.). *Gemeinde in diakonischer und missionarischer Verantwortung*. Auftrag – Anspruch – Wirklichkeit. Handbücher für Zeugnis und Dienst der Kirche. Vol. 2. Stuttgart 1979, p. 308.

<sup>49</sup> Cf. G. BALDERS, *op. cit.*, p. 62-68.

<sup>50</sup> Cf. G. BALDERS, *op. cit.*, p. 65.

<sup>51</sup> Cf. W. D. HAUSCHILD, *op. cit.*, p. 799.

<sup>52</sup> Cf. E. BEYREUTHER, *op. cit.*, p. 79s.

nas citações bíblicas, como também uma orientação no querer de Deus. Para apoiar a fundamentação e a motivação do agir diaconal, trazemos as seguintes observações bíblico-teológicas.

### 1. “Tenham uma intenção tal, que corresponda à comunhão em Cristo Jesus”

Se atualmente falamos em diaconia, normalmente pensamos no cuidado de doentes, deficientes e idosos, ou outros serviços humanitários e sociais. No entanto, o conceito “diaconia” provém das palavras gregas *diakonia* e *diakonein*, que no Novo Testamento, em sentido geral, significam apenas “serviço” e “servir”. Agir diaconal é, de acordo com o Novo Testamento, todo agir serviçal que passa a ser entendido como agir cristão. Já bem cedo se desenvolveu, na Igreja Primitiva, a função específica do diácono e da diaconisa, respectivamente.<sup>57</sup> Mas com isso não devemos entender que essas funções abriram mão da tarefa que toda a comunidade ou cristãos específicos têm de possuírem um estilo de vida diaconal, isto é, um estilo de vida caracterizado pelo serviço. Pois antes de qualquer coisa, o agir diaconal é uma importante característica dos seguidores de Cristo.

De acordo com o Novo Testamento, o iniciador da diaconia é Deus mesmo, quando envia seu Filho Jesus Cristo ao nosso mundo.<sup>58</sup> Como enviado Jesus não se entendia como alguém que deveria ser servido, mas que veio servir<sup>59</sup> e dar a sua vida em resgate por muitos (conforme Mc 10.45). Toda a vida e morte, Jesus mesmo qualificou como serviço, como diaconia em palavra e ação. Jesus lamentou ao ver a necessidade das pessoas, (conforme Mt 9.36ss) necessidade que mexeu com seu íntimo, e fez com que Ele fosse ao encontro dessas pessoas em palavra e ação.

Quando Jesus caracteriza sua missão como serviço, Ele não o faz de uma forma descontínua, mas para ser um exemplo aos discípulos, de como deve ser o relacionamento mútuo destes: “... quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva<sup>60</sup>; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos. Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir...” (Mc 10.43-45). O que importa para Jesus é a vida, o comportamento dos discípulos, comportamento esse que deve corresponder ao de Jesus, à vida de um servo. Portanto, o serviço dos cristãos tem sua base

<sup>57</sup> Cf. C. OSIEK. Art. *Diakon/Diakonisse/Diakonat I*, in: RGG. Vol.2, col. 783s.

<sup>58</sup> Cf. T. SORG, op. cit., p. 6.

<sup>59</sup> Do grego *diakonein*.

<sup>60</sup> Do grego *diakonos*.

crisológica, e com isso passa a ser uma característica integrante e sempre presente da comunidade de Jesus.<sup>61</sup> Paulo retoma essa linha de pensamento quando pede aos cristãos, na carta aos Filipenses, para terem “... o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fp 2.5). Depois, baseando-se em um hino dos primórdios da cristandade, desdobra seu pensamento, mostrando o que é ter esse mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, descrevendo o caminho de servo que Jesus percorreu até a cruz. À comunhão com o Senhor corresponde uma vida de servo que esteja em conformidade com a vida do próprio Senhor. Diaconia, portanto, é “espelhar o serviço de Cristo”.<sup>62</sup> Mas como o servir de Jesus Cristo abrange tanto a palavra quanto a ação, as duas também não se deixam separar no agir diaconal.<sup>63</sup> Nem um dos dois aspectos pode faltar nesse serviço.

Porém, Jesus Cristo, como servo, não quer ser apenas um exemplo a ser imitado para seus seguidores; muito mais, é consequência da nossa aliança com Jesus Cristo, uma vida dedicada ao servir, a qual vive do servir de Jesus para conosco. Compreendido de uma forma correta, a diaconia é uma exteriorização na nossa vida da fé em Jesus Cristo.<sup>64</sup> Isso diferencia essencialmente a diaconia de outros serviços sociais e humanitários. A motivação, assim como o perfil da diaconia, surge do novo ser dos cristãos: “Pois somos feitura dele (de Deus), criados em Cristo Jesus para boas obras” (Ef 2.10). “Tais boas obras recebem suas forças... da dinâmica do evangelho. A força propulsora da boa nova é o amor de Cristo, o qual impulsiona as pessoas a levarem adiante esse amor, do qual elas mesmas vivem, de uma forma amorosa”.<sup>65</sup>

<sup>61</sup> Cf. Klaus BOCKMÜLL. *Evangelikale Sozialethik. Der Artikel 5 der „Lausanner Verpflichtung“*, in: Prediger und Missionsseminar St. Chrischona (Ed.). Theologie und Dienst. Caderno 9. Gießen: Brunnen Verlag 1975, p. 31.

<sup>62</sup> Gerhard MAIER. *Diakonie – im Neuen Testament*, in: Evangelische Sammlung in Württemberg “Arbeitskreis für eine missionarische Diakonie” (Ed.). Diakonie ist absolut kein weltlich Ding, p. 13.

<sup>63</sup> Os homens que foram instituídos para o cuidado das viúvas helenistas (At 6.1-7), ao mesmo tempo também estavam atuando como pregadores da Palavra (cf., por exemplo, Estevão em At 7, ou Filipe em At 8.26ss).

<sup>64</sup> Um dos critérios para a escolha dos homens citados em At 6.5 era, além de boa reputação e sabedoria, que estivessem cheios do Espírito Santo (At 6.3). De uma forma bem natural os cristãos eram chamados ao serviço e instalados sob imposição de mãos e oração (At 6.6).

<sup>65</sup> Th. SCHÖBER “*Geschaffen zu guten Werken*”, in: Th. Schöber; H. Thimme (Eds.). Gemeinde in diakonischer und missionarischer Verantwortung, p. 273.

## 2. “A fé que atua pelo amor”

De acordo com Rm 13.10 “o amor é o cumprimento da lei”, pois não pratica o mal contra o próximo. Se a essência do amor é ser altruísta, incondicional, serviçal, entregar-se por outros, então ele corresponde às leis de Deus, as quais querem fazer o bem ao próximo, cumprindo assim o amor. Dessa forma, Paulo compreende a lei do amor ao próximo (Lv 19.18) como um resumo da lei de Deus (cf. Rm 13.9). Assim sendo, o amor como distintivo de uma vida cristã não é algo facultativo, mas corresponde à vontade de Deus.

Quando Paulo caracteriza a fé em Gl 5.6 como “fé que atua pelo amor”,<sup>66</sup> então isso não abrange apenas a diaconia, no sentido corrente mais estreito e oficial, mas abrange a vida toda dos cristãos e muito mais, chegando a todas as questões éticas cristãs. Neste ponto, a palavra grega usada para amor, como também em Rm 13.9, é *ágape* e se refere ao amor de Deus, que é altruísta, incondicional, serviçal e que se entrega pelos outros. Se ligada com Deus e seu amor, então a fé dos cristãos irá se expressar no mesmo amor. Ele é a exteriorização vital da fé e vive do amor de Deus como sua “fonte de energia”. De acordo com Gl 5.22, o amor é o primeiro fruto do Espírito na vida do cristão. Portanto, a vida cristã e a ética cristã originam-se no amor de Deus, são por ele determinadas, motivadas e se orientam nesse amor. O mesmo vale para todo o agir diaconal.

## 3. “Vai, e procede de igual modo!”

Jesus encarrega seus discípulos não apenas de um estilo de vida missionário, mas também voltado para a diaconia. Um exemplo paradigmático para isso é o desdobramento da dupla lei do amor, apresentado na forma de parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). O samaritano vem a se tornar o próximo ao ter encontrado no seu caminho o homem que caíra nas mãos dos salteadores. Preocupa-se com ele, auxiliando-o com os meios possíveis que estão ao seu alcance e confia o assaltado nas mãos de um hospedeiro, o qual também é pago por ele.

Nessa parábola, são expressas visivelmente duas formas do agir diaconal: a ajuda pessoal e prática do samaritano equivale à área do agir diaconal, que todos os cristãos devem cumprir de acordo com a lei do amor. Já o cuidado demonstrado pelo samaritano, através do pagamento ao hospedeiro, equivale à forma institucional da diaconia. Com isso, esse exemplo mostra como essas duas formas de diaconia necessariamente se complementam e cooperam uma com a outra. Para a atualidade, isso significa: mesmo quan-

do a ajuda especializada não consegue mais sobreviver sem instituições diaconais e uma diaconia bem organizada, isso não abre mão da responsabilidade de cada cristão, que deve ver a necessidade do próximo e assim tornar-se, dentro dos seus moldes e possibilidades, diácono ou diaconisa para o próximo.

Diaconia, hoje em dia, via de regra é localizada, no pensamento da maioria dos cristãos, em outros lugares que não a comunidade local. De uma forma resumida, encontramos nos estatutos da Instituição Diaconal da EKD (*Evangelische Kirche in Deutschland* – Igreja Evangélica da Alemanha), tendo-se em vista o local do serviço, a colocação: “A EKD realiza suas tarefas diaconais por intermédio da Instituição Diaconal (*Diakonisches Werk*)”.<sup>67</sup> Com toda certeza, a diaconia institucionalizada é hoje em dia, inegavelmente, parte integrante do agir da igreja. Mas a situação em muitas comunidades nos leva a concluir que a afirmação é freqüentemente mal entendida, pois o agir diaconal não é apenas tarefa da instituição denominada de “Instituição Diaconal”. Em conformidade com isso, Michael Schibilsky fez a seguinte observação: “As pontes entre a comunidade eclesial e a diaconia apresentam rupturas. Problemas sociais, que no contexto de uma comunidade local muitas vezes se tornaram em um vírus, são delegados a instituições diaconais especializadas. Com o êxito da delegação, a comunidade local perde, em igual medida, a sua competência social”.<sup>68</sup> Falando na linguagem da parábola do Bom Samaritano: a necessidade das pessoas na comunidade, e além dela, com a qual cada um se depara na igreja, não é vista. Passamos por essas dificuldades sem perguntar sobre as próprias possibilidades de um agir diaconal. E assim nos colocamos diretamente a caminho do “hospedeiro” e, por meio de pagamento, delegamos a tarefa. Mas somos incumbidos dessa tarefa como comunidade local ou até como cristãos, individualmente, e estaríamos em condições de aceitá-la. Dessa forma, o Bom Samaritano acaba se transformando em alguém sem misericórdia e sem coração.

No entanto, a lei do amor nos remete aos semelhantes à nossa volta, de forma ilimitada e com amor serviçal, e isso independente de origem, sexo, religião, etc. desses semelhantes. Jesus requer: “Vai e procede de igual modo!” (Lc 10.37).

<sup>67</sup> Citado conforme Th. STROHM, Art. *Diakonisches Werk der EKD*, in: RGG Vol. 2, Col. 804.

<sup>68</sup> M. SCHIBILSKY, *Neue Armut und Gemeinde. Auf dem Weg zu einer sozial-ethisch orientierten Gemeinde*, in: PTh 78, 1989, p. 17.

<sup>66</sup> Do grego: fé que *energouméne* (demonstra atividade, opera efetivamente) no *ágape*.

#### 4. “Eis que eu vos dei um exemplo”

O que vale em relação a todas as pessoas à nossa volta tem um valor maior no lidar com irmãos e irmãs, ou seja, dentro da própria comunidade de Jesus. “Façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10). Jesus mesmo dá a seus discípulos um exemplo visível e concreto ao lavar os pés destes, mostrando, dessa forma, como podem lidar uns com os outros. Esse serviço, que antigamente normalmente era realizado por escravos, Jesus o transmite a seus discípulos como instrução para a ação. “Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Ora, se sabeis estas cousas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13.14s,17). Jesus dá um valor muito grande para o relacionamento dos discípulos entre si, pois isso será um distintivo para todas as pessoas, de que elas pertencem a Jesus: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.35). Concluímos que não é qualquer amor indefinido que se torna em distintivo para a vida dos discípulos, mas o amor de Jesus: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (Jo 13.34). A novidade nessa lei é que o amor de Jesus para com sua comunidade deve ser o princípio, o exemplo e o ponto determinante do amor entre eles (compare com 1Jo 4.9-11). A primeira epístola de João distingue a essência desse amor em sua origem como sendo o amor de Deus: “Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 4.10). O amor de Deus para conosco, que tomou sua forma concreta na pessoa de Jesus Cristo, é que nos motiva e nos capacita a amarmos uns aos outros: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). Em contrapartida, o amor a Deus e o ódio ao irmão se excluem mutuamente: “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4.20). Que o amor ao irmão e à irmã engloba o agir diaconal, pode ser entendido obviamente, pois o amor no contexto joanino não está limitado a sentimentos, mas se concretiza na medida em que se cumprem as leis de Deus para o benefício do próximo (comparar Jo 14.14,21). De acordo com Paulo: “Sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5.13).

#### 5. “O amor edifica”

É praticamente impossível não enxergar a enorme literatura existente relativa a questões de edificação de comunidade. Chama a atenção, contudo,

e ao mesmo tempo é assustador, o papel irrelevante que a dimensão da diaconia possui na maioria das concepções de edificação de comunidade.<sup>69</sup> Muitas vezes, nem se toca em assuntos da diaconia. A isso corresponde, praticamente, o fenômeno da comunidade sem diaconia, na qual predomina até uma intensa vida comunitária, mas, devido ao excesso de atividades, muitas vezes até piedosas, não se consegue mais registrar as necessidades existenciais, os pedidos de ajuda e a solidão de muitas pessoas da proximidade.

Nesse ponto é que o “conceito de edificação de comunidade” de Paulo, encontrado em 1Coríntios, quer ser tomado em consideração. Um momento importante da edificação da comunidade é o amor (1Co 8.1). Partindo do entendimento de que a comunidade é o corpo de Cristo (1Co 12.27), temos a implicação de que um membro deve ao outro amor serviçal, ou melhor, um servir em amor. “Ninguém busque o seu próprio interesse; e, sim, o de outrem” (1Co 10.24). E “... se um membro sofre, todos sofrem com ele” (1Co 12.26). Ofertas materiais e financeiras não são suficientes aqui, pois “... ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (1Co 13.3). O amor compromete a comunidade de Jesus a ver as pessoas que estão em necessidades e a se mostrar presente. Nós fomos “criados para boas obras” (Ef 2.10). Essas boas obras “não são propostas de agrado à comunidade, mas são muito mais expressões do caráter e da vida do Cristo ressurreto na sua comunidade. Se elas não estão presentes, então a comunidade representa um Cristo morto e carrega em si os sinais da decomposição”.<sup>70</sup>

### III. RUMO À FÉ QUE É ATIVA NO AMOR

#### 1. Diaconia na atualidade – observações e questionamentos críticos

##### 1.1 Fé<sup>71</sup> que é ativa no amor? – A situação da diaconia hoje

Para Johann Hinrich Wichern, fundador da Missão Interna, a diaconia era o resultado da tarefa missionária da igreja. Ele uniu missão e diaconia,

<sup>69</sup> Cf. Theo SORG, op. cit., p. 4s. Uma exceção nos é apresentada por Christian MÖLLER, *Lehre vom Gemeindeaufbau*. Vol. 2: Durchblicke. Einblicke. Ausblicke. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1990, p. 208-221.

<sup>70</sup> Cf. SCHÖBER, op. cit., p. 273.

<sup>71</sup> N.T.: itálico no original.

mas submeteu a última ao esforço missionário. Para Wichern, a questão era tornar real o agir justificador de Deus por meio de Jesus Cristo, e isso em palavra e ação.<sup>72</sup> Três aspectos eram essenciais para Wichern: promover a conscientização, quanto à diaconia, em cada cristão, criar a percepção da responsabilidade diaconal por parte da comunidade e promover a consolidação da Missão Interna na Igreja.<sup>73</sup>

A Missão Interna – da qual nasceu a Instituição Diaconal da EKD, no ano de 1956, pela união com a Obra de Auxílio Eclesiástica (*Kirchliches Hilfswerk*), fundada em 1945 – “sempre permaneceu com a perspectiva do trabalho duplo, social e missionário”.<sup>74</sup>

Mas como é a situação da diaconia hoje? Sua questão ainda é a “fé” que é ativa no amor? Com certeza, essa fé influencia, na atualidade, muitas instituições, líderes, ajudantes na área da diaconia. Muitas vezes, no entanto, o trabalho diaconal encontra-se desprendido da fé. A cruz então passa a atuar apenas como uma relíquia do trabalho diaconal, não apresentando mais nenhum distintivo cristão. Em contrapartida, precisamos reafirmar: “Onde encontramos o rótulo da diaconia, ali também deve existir diaconia no conteúdo”.<sup>75</sup> Diaconia eclesial e serviço social secular não são simplesmente a mesma coisa. Principalmente em situações em que cada vez mais ofertas são feitas, uma do lado da outra, e muitas vezes, uma contra a outra, a diaconia eclesial tem de se apropriar do que é propriamente seu. Deve-se também esclarecer que ela não é “algo mundano”, mas sim, “uma expressão vívida da fé em Cristo. O ser humano é a medida de todas as questões sociais e humanas, mas a medida de toda a diaconia é somente Cristo, o Senhor, com seu Espírito, com seu amor e com toda a sua irradiação. Não os problemas humanos, mas os desejos de Cristo são o chão, do qual a diaconia brota”.<sup>76</sup> O atual

<sup>72</sup> Cf. H. GRUBEL. *Johann Hinrich Wicherns Fragestellung und die gegenwärtige Kirche*, in: Th. Schober; H. Timme (Eds.). *Gemeinde in diakonischer und missionarischer Verantwortung*, p. 304.

<sup>73</sup> Cf. *Herz und Mund und Tat und Leben. Grundlagen, Aufgaben und Zukunftsperspektiven der Diakonie. Eine evangelische Denkschrift, im Auftrag des Rates der EKD Hrsg. vom Kirchenamt der EKD*. Gütersloh: Gütersloher Verlag 1988, p. 13. Confira para essa questão também o escrito de Wichern, publicado em 1849: “*Die innere Mission der deutschen evangelischen Kirche – Eine Denkschrift an die deutsche Nation*”, no qual Wichern desdobra seus pensamentos básicos em seu famoso discurso improvisado do dia 22 de Setembro de 1848, proferido no Dia da Igreja em Wittenberg.

<sup>74</sup> Cf. J.-Chr. KAISER, op. cit., col. 793s.

<sup>75</sup> H. HÜNERBEIN. *Wo Diakonie drauf steht, muss auch Diakonie drin sein*, in: LudwigHofacker-Vereinigung (Ed.). *Lebendige Gemeinde 3/2001*, p. 6.

<sup>76</sup> Citação de Hans Werner NEUDORFER. *Diakonie im Wandel der Zeit*, in: Evangelische Sammlung in Württemberg “Arbeitskreis für eine missionarische Diakonie” (Ed.), cf. U. 3.

diretor da Obra dos Jovens Cristãos (*Christlicher Jugenddorfwerk*), na Alemanha, Pastor Hartmut Hühnerbein, escreve: “Quando nós pensamos, em nossos grêmios cristãos, sobre profissionalização do nosso trabalho, precisamos primeiramente lembrar que nosso cristianismo e nossa confissão são nossa profissão, e todos nossos serviços, os quais estão sob a luz da mensagem do Novo Testamento, distinguem-nos nesse âmbito de outros serviços”.<sup>77</sup> A diferença essencial não está no suporte eclesial que uma instituição diaconal possui. O que, no entanto, caracteriza uma instituição diaconal é muito mais a motivação e o enfoque que os trabalhadores da mesma têm,<sup>78</sup> que realizam seu serviço partindo da fé e sabem que sua determinação é dar adiante o amor, do qual eles mesmos vivem, de forma amorosa aos outros.<sup>79</sup>

Em conformidade com isso, encontramos a seguinte frase na coletânea da declaração dos princípios da igreja em Württemberg, datada de 1969: “A diaconia da Igreja jamais deve ser separada da proclamação da mensagem de Cristo e da comunhão na fé dos cristãos. Seu agir é fruto e exigência dessa fé, e nisso é que se diferencia de todo agir meramente social, humano e político”.<sup>80</sup>

Se a diaconia é compreendida de tal forma, então ela também terá conseqüências em relação à influência que ela exerce nos que com ela trabalham. Friedrich Wilhelm von Staa comenta em relação a isso: “Não é suficiente um embasamento apenas social para o nosso agir como cristãos. Quem não é capaz de dar uma informação teológica sobre a base do seu serviço, não deveria permanecer ou vir a trabalhar na área da diaconia”.<sup>81</sup>

## 1.2 Fé que é ativa no amor<sup>82</sup>? – A dimensão da diaconia no Pietismo atual

Tanto hoje como antigamente, o Pietismo é um movimento de muitas facetas, ao qual pertencem os mais diversos movimentos. Uma série de organizações e instituições diaconais, instituições de amparo e outras iniciativas, pertencem hoje ao conjunto do Pietismo. Assim como em comunidades com outra ênfase, encontramos também nas comunidades e movimentos pietistas,

<sup>77</sup> H. HÜNERBEIN, op. cit., p. 7.

<sup>78</sup> Cf. H. W. NEUDORFER, op. cit., p. 23s.

<sup>79</sup> Cf. Th. SCHOBBER, op. cit., p. 273.

<sup>80</sup> Citação extraída de: *Diakonie ist absolut kein weltlich Ding*, in: Evangelische Sammlung in Württemberg “Arbeitskreis für eine missionarische Diakonie” (Hrsg.), cf. U. 2.

<sup>81</sup> F.W. von STAA, *Diakonie im Rheinland*, Janciro/Fevereiro 1979 (citado em Th. SCHOBBER, op. cit., p. 275).

<sup>82</sup> N.T.: itálico no original.

ao lado da diaconia institucionalizada, um alto índice de engajamento na área da diaconia. Muitas vezes, são homens e mulheres que, das mais diversas maneiras, através de suas finanças e iniciativas práticas, se engajam no âmbito diaconal.

Mesmo assim, pertence aos desafios atuais do Pietismo, no nosso ponto de vista, indagar novamente a situação da “fé que é ativa no amor”, questionando-se dessa forma a importância atual do agir diaconal. Será que o movimento progressista e dinâmico, que redescobriu o cristianismo da ação, deixando-se contagiar pelo amor de Jesus e indo ao encontro das pessoas, não perdeu sua dinâmica em vários sentidos? Ao lado de muitos distintivos positivos do Pietismo, não temos também, em muitos círculos pietistas, uma retirada do mundo, um ensinamento que não é vivenciado, como também uma verdade sem amor ativo e uma interiorização da fé sem conseqüências práticas? Nesse ponto, não se pode fazer um julgamento generalizado da situação. Para tal, necessitaríamos de uma análise diferenciada do vasto campo pietista. Uma certa auto-avaliação da situação de cada comunidade e grupo, como também da vida de cada cristão, é tanto possível quanto necessária.

É impossível negarmos um certo desleixo na ação social e diaconal, em determinados meios pietistas. Um motivo para esse desenvolvimento está no assim denominado *social gospel* (evangelho social), desenvolvido por teólogos liberais, no qual o evangelho bíblico foi diluído a tal ponto, que se pensou em poder tornar real o Reino de Deus na terra por meio de programas sociais. Esse equívoco levou a uma desconfiança em relação às atividades sociais por parte de pietistas e evangélicos. E com isso, o engajamento social responsável e de base bíblica, que é exigido pelo evangelho, acabou ficando fora do campo de visão.<sup>83</sup> Em algumas comunidades, isso levou a uma atmosfera de artificialidade, que somente é quebrada, e isso se for quebrada, no âmbito da missão e evangelização.

Indiscutivelmente, missão e evangelização são as tarefas originais e intermináveis da comunidade de Jesus, jamais podemos enfatizá-lo suficientemente. Mas essa verdade não legitima um tratamento desleixado e assistencialista da diaconia, nem tão pouco pode desvalorizar o trabalho diaconal. Senão estaria claramente contestada a mensagem do Novo Testamento.

<sup>83</sup> Cf. Klaus BOCKMÜHL (Eds.). *Verkündigung und soziale Verantwortung. Eine evangelische Verpflichtung. Gemeinsame Veröffentlichung des Lausanner Komitees für Weltevangelisation und der Evangelischen Allianz*, in: Klaus Bockmühl; H. Burkhardt; Gerhard Maier (Eds.). *Theologie und Dienst - Caderno 33*. Gießen: Brunnen Verlag 1993, p. 20s.

Klaus Bockmühl enxerga mais perigos que ameaçam uma articulação vital da diaconia, no Pietismo atual,<sup>84</sup> abaixo dos quais, em nosso ponto de vista, ele realmente sofre, ao menos, parcialmente: muitos grupos pietistas tendem a procurar o cumprimento da sua vida de fé na experiência ou nos sentimentos, em vez de procurá-lo no serviço ao próximo que se encontra em necessidades. Já outros se vêem como devedores da importante obra missionária e evangélica, com isso, no entanto, perdem totalmente de vista outras atividades, como a diaconia. Mas o maior perigo, para Bockmühl, não está na espiritualização do Pietismo, mas sim, em sua secularização. Com isso se cumpre “a aceitação silenciosa da tendência secularizante, encontrada na sociedade que nos cerca, e do bem-estar material, os quais não são favoráveis ao espírito sacrificial da diaconia”.<sup>85</sup> Esse deve ser um motivo pelo qual a disposição das pessoas, as quais vivem ativamente no amor a partir da sua fé, ou até fazem da diaconia sua tarefa maior de vida, tenha diminuído sempre mais. Isso, conseqüentemente, traz problemas às instituições diaconais, que buscam a fé pessoal e a motivação cristã de seus funcionários, mas que dependem de trabalhadores que pouco, ou muitas vezes, em nada correspondem aos objetivos dessas instituições. A escassez comum de força de trabalho na área da assistência social faz com que, muitas vezes, o critério da competência venha a estar na frente e a ocupar o lugar do critério da piedade pessoal dos candidatos.

O comitê de Lausanne para evangelização mundial e também a Aliança Evangélica, que estão presentes em todo o mundo, tematizaram, numa conferência conjunta de estudos, em 1982, “a responsabilidade social dos cristãos”, como está mantida no artigo 5 do “Pacto de Lausanne” de 1974.<sup>86</sup> Nesse Compromisso, entre outros assuntos, faz-se penitência “por termos muitas vezes visto evangelização e responsabilidade social como elementos que desqualificam um ao outro”. É reforçado que ambos, “evangelização e atividades sociais”<sup>87</sup> pertencem ao nosso dever como cristãos. Pois ambos são formas de expressão necessárias do nosso ensinamento acerca de Deus e dos homens, do nosso amor ao próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo. ... a

<sup>84</sup> Cf. Klaus BOCKMÜHL, *Die Aktualität des Pietismus*, p. 44s.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 45.

<sup>86</sup> O “Pacto de Lausanne” foi publicado no Congresso Internacional para Evangelização Mundial, em 1974. O resultado da Conferência de Estudos de 1982, realizada em Michigan (EUA), está mantido no documento “Consultation on Evangelism and Social Responsibility”.

<sup>87</sup> Cf. Klaus BOCKMÜHL, *Evangelikale Sozialethik. “Der Artikel 5 der Lausanner Verpflichtung”*, in: Prediger und Missionsseminar St. Chrischona (Ed.). *Theologie und Dienst*, Caderno 9. Gießen: Brunnen Verlag 1975, p.18.

salvação que reivindicamos, deve transformar-nos em todas nossas responsabilidades pessoais e sociais. Fé sem obras é morta”.<sup>88</sup>

As “lições de casa” que esse compromisso nos trouxe são e continuarão sendo um importante desafio no futuro do Pietismo, o qual se entende continuamente como integrante da Aliança Evangélica. O Pietismo, principalmente nesse ponto, deve repensar a *práxis pietatis*. E para tal atividade, pode ser um auxílio permanecer consciente das suas próprias raízes, recordando-se da história do Pietismo (confira cap. 1) e principalmente do testemunho do Novo Testamento (confira cap. 2). Também e principalmente diante da pergunta acerca de uma “fé que é ativa no amor”, é válido corresponder à programática idéia fundamental de Johann Albrecht Bengel: “Aplica-te totalmente ao texto, e o assunto do texto aplica totalmente a ti”.

## 2. Reflexões prático-teológicas – não apenas para o futuro do Pietismo

### 2.1 Revisão dos conteúdos de pregação

Com razão, Theodor Schober aponta que a causa da falta de boas obras numa comunidade pode estar numa proclamação errônea.<sup>89</sup> “A proclamação da boa nova está errada quando ela recomenda a Cristo principalmente como um transformador social, e descreve o amor ao próximo como se ele se completasse na formação de novas estruturas ou remediando as necessidades externas. Mas da mesma forma é errado quando o evangelho de Jesus Cristo é reduzido para a edificação própria, do qual não aparenta resultar nenhuma consequência para o serviço na comunidade”.<sup>90</sup>

Por último existe, em nossa opinião, o perigo da proclamação de caráter pietista que se concentra, com razão, no segundo artigo de fé, mas com isso acaba deixando de lado o primeiro artigo de fé. Dessa maneira, acaba divulgando uma imagem unilateral do ser humano, que apenas o percebe como pecador perdido, ou então como ser salvo por Jesus Cristo, entrando raramente na questão do ser humano como criação e em sua corporalidade. Quanto mais a proclamação vier ao encontro da necessidade espiritual do ser humano, que é a tarefa bíblica prioritária e também deve continuar a ser, tanto mais frequentemente as necessidades corporais, psíquicas, de aconselhamento, sociais e materiais deixam de estar no campo de visão. Em consequência disso, raramente se chega a uma instrução concreta dos ouvintes no agir diaconal.

<sup>88</sup> Citado a partir de K. BOCKMÜHL, op. cit., p. 14s.

<sup>89</sup> Cf. SCHOBBER, op. cit., p. 276.

<sup>90</sup> Op. cit., p. 277.

A legítima preocupação protestante, de reiterar o declínio da justificação por obras, chega, infelizmente, a ponto de descartar as “boas obras” da pregação. Apesar de que, para os reformadores, fora fundamental enfatizar a justificação somente “pela graça, pelos méritos de Cristo, pela fé”,<sup>91</sup> eles não perderam de vista “que esta fé deve trazer bom fruto e boa obra, e que deveríamos realizar boas obras, pois Deus assim o ordenou”.<sup>92</sup> A proclamação bíblica está diante do desafio de diferenciar corretamente justificação e a “nova obediência”, mas não deve separá-los nem jamais apresentá-los como concorrentes. “A oposição de justificação e ética nós devemos combater em todo lugar”.<sup>93</sup> Da mesma forma, não está de acordo com as escrituras “a oposição de escatologia e ética, de esperar e agir”.<sup>94</sup> A petição do Pai Nosso, “Venha o teu Reino” (Mt 6.10), e a esperança cristã que está ligada com essa petição, não levam, se corretamente compreendidas, à paralisação nem à passividade do nosso agir, mas darão ao nosso atuar a perspectiva e a perseverança necessárias. “Quando pessoas aceitam a Cristo, elas chegam pelo renascimento ao seu Reino. Elas devem tentar não apenas representar sua justiça, mas também espalhá-la em meio a um mundo injusto”.<sup>95</sup>

### 2.2 A Relação entre Missão e Diaconia

Sempre de novo foi e é discutida a relação entre missão e diaconia. A diaconia deve ser colocada no mesmo nível da missão, deve ser subordinada à missão, ou até sobreposta a ela?<sup>96</sup> A discussão acerca desse assunto aparenta ser exaustiva, pois se entendemos a fé no sentido do Novo Testamento, como “fé que é ativa no amor”, então não é apenas afirmada a relação indissolúvel de fé e amor, como também a relação de missão e diaconia.

O artigo 5º do Pacto de Lausanne coloca a evangelização e a responsabilidade social lado a lado na sua relação, e articula o arrependimento pela divisão que já ocorreu entre ambas.<sup>97</sup>

<sup>91</sup> *Confissão de Augsburg* - Art. IV, in: IECLB IELB (Ed.). Livro de Concórdia. 2. edição: São Leopoldo: Ed. Sinodal/ Porto Alegre: Editora Concórdia 1981, p. 30.

<sup>92</sup> *Confissão de Augsburg* - Art. IV, in: IECLB IELB (Ed.). Livro de Concórdia. 2. edição: São Leopoldo: Ed. Sinodal/ Porto Alegre: Editora Concórdia 1981, p. 31.

<sup>93</sup> Klaus BOCKMÜHL, *Evangelische Sozialethik*, p. 48.

<sup>94</sup> Op. cit., p. 48.

<sup>95</sup> O pacto de Lausanne, Artigo 5. Citado de acordo com BOCKMÜHL, op. cit., p. 14.

<sup>96</sup> E. Berneburg discutiu esta questão pormenorizadamente. Cf. E. BERNEBURG. *Das Verhältnis von Verkündigung und sozialer Aktion in der evangelikalen Missionstheorie unter besonderer Berücksichtigung der Lausaner Bewegung für Weltmission (1974-1989)*. Wuppertal 1997.

<sup>97</sup> Cf. Klaus BOCKMÜHL. *Evangelikale Sozialethik*, p. 14s.

A entrega amorosa de Deus ao mundo foi expressa no agir de servo de Jesus, em suas palavras e ações. Na atuação de Jesus, a missão e a diaconia andavam de mãos dadas. “Suas palavras explicavam suas ações, e suas ações exemplificavam suas palavras”.<sup>98</sup> Além disso, nós também já mostramos que Jesus compreendeu palavra e ação como “serviço”, ou seja, como diaconia. Pois palavra e ação prestam serviço ao ser humano, à sua salvação e à sua cura. Paulo denomina como “diaconia”, conseqüentemente, tudo o que serve para a edificação da comunidade, tanto o servir pela palavra como também o servir prático pela ação.<sup>99</sup> “Enquanto o aspecto lingüístico da pregação possibilita um claro reconhecimento do testemunho de Jesus Cristo, o amor prático ao próximo, da diaconia, leva à autenticidade desse testemunho. Ambas as funções remetem uma a outra e têm importância constitutiva uma para com a outra”.<sup>100</sup>

Sem a Missão não se chega à fé e com isso também não se chega ao amor que serve, o qual se concretiza, entre outros, no agir diaconal. Nesse ponto, a diaconia é uma conseqüência da missão, da evangelização.<sup>101</sup> Por outro lado, a diaconia, ou a ação social, pode formar uma ponte para a proclamação. Em contrapartida, o desinteresse por parte dos cristãos para a necessidade do ser humano é uma forma de falta de amor, que pode levar pessoas a se tornarem surdas para o evangelho do amor de Deus em Cristo Jesus. O estilo de vida não-autêntico de muitos cristãos coloca em questionamento para essas pessoas a autenticidade da própria mensagem cristã.<sup>102</sup> Partindo disso, não deve ser (apenas) um pedido do Pietismo, o manter unido palavra e ação. Diaconia como serviço, na concepção do Novo Testamento, é um serviço alegre ao ser humano.<sup>103</sup> Martin Zentgraf compara este serviço de amor, que auxilia, com o sacramento do altar, o qual é designado pela reforma como *verbum visibile* (palavra visível), e o compreende como Palavra de Deus vivida. Mas, ao mesmo tempo, segundo sua opinião, não se pode desistir da proclamação falada para se ter o reconhecimento do agir diaconal.<sup>104</sup> Ao lado das necessidades corporais, psíquicas, bem como as da alma, as sociais ou materiais, o distanciamento de Deus é a mais profunda miséria do ser humano.

<sup>98</sup> Op. cit., p. 25.

<sup>99</sup> Cf. T. SORG, op. cit., p. 7. Cf. 1 Co 12.5; 2 Co 5.18.

<sup>100</sup> M. ZENTGRAF, Art. *Diakon/Diakonisse/Diakonat III*, in: RGG, Vol. 2, col. 786.

<sup>101</sup> Cf. Klaus BOCKMÜHL, *Verkündigung und soziale Verantwortung*, p. 23.

<sup>102</sup> Op. cit., p. 24.

<sup>103</sup> Cf. M. SCHIBILSKY, Art. *Diakonie VI*, in: RGG, Vol.2, col. 799.

<sup>104</sup> Op. cit., col. 786.

Portanto, não existe uma diaconia sem palavra, mesmo que tudo tenha seu tempo certo, a palavra e a ação.<sup>105</sup> “Uma diaconia sem palavra”, no entanto, “não é uma diaconia cristã”.<sup>106</sup> Mas muito mais deve “todo engajamento diaconal... satisfazer a reivindicação da proclamação, senão não se trata de diaconia, porém (apenas) de um trabalho cooperativo, com certeza, de uma realização de boas obras, certamente de um auxílio para seres humanos poderem viver e sobreviver, de uma ajuda para uma vida melhor, secularmente falando, de saúde e suficiência material. O curar, ajudar e fazer milagres de Jesus não estava desvinculado da proclamação do Reino de Deus”,<sup>107</sup> assim como a proclamação não estava desvinculada do serviço prático de Jesus.

Pertence aos desafios atuais do Pietismo combater a má relação entre missão e diaconia e redescobrir e enfatizar a relação saudável e a união do engajamento missionário e diaconal, como já tem ocorrido de múltiplas formas na história do Pietismo.

### 2.3 Vivendo como comunidade diaconal

“Nós estamos sentados, domingo de manhã, no culto, lado a lado, como o público de uma conferência, e saímos do recinto exatamente como o público de uma conferência, sem um relacionamento mais íntimo para com os outros e principalmente sem um relacionamento de auxílio, de diaconia”.<sup>108</sup> Essa observação não apenas representa a experiência de muitos cultos, como também de vários encontros pietistas e também de outras reuniões cristãs. Também é um espelho do corpo de Cristo adoentado, no qual cada membro não é percebido na sua situação pessoal, com suas ansiedades e, muitas vezes, na sua dificuldade (compare com 2.5). Para termos uma atuação diaconal na nossa comunidade, requer-se a percepção de indivíduos e grupos na comunidade e fora dela. A esses grupos pertencem os idosos, doentes, solitários, os enlutados como também portadores de deficiência física e mental, com seus familiares. Geralmente quase não são vistas as pessoas que se encontram em

<sup>105</sup> Cf. Klaus BOCKMÜHL, *Verkündigung und soziale Verantwortung*, p. 21. “Quando afirmamos que proclamação e o agir social pertencem um ao outro, não queremos dizer com isso que um não pode existir independentemente do outro. Se, por exemplo, o Bom Samaritano tivesse sido cristão, não poderíamos tê-lo repreendido de que cuidara das feridas do assaltado, mas faltava ter-lhe feito uma pregação. Do mesmo modo, não podemos repreender Filipe por ele ter pregado o evangelho ao oficial sobre a carruagem deste, mas ter faltado o questionamento pelas suas necessidades sociais”.

<sup>106</sup> G. MAIER, op. cit., p. 15.

<sup>107</sup> STEINMAIER, op. cit., p. 312.

<sup>108</sup> G. MAIER, op. cit., p. 16.

situações difíceis e pesadas na vida, com problemas e necessidades nas mais diversas áreas da vida como nos relacionamentos, na profissão, nas finanças e outras áreas.

Cristãos e suas comunidades, as quais são especialmente ativas e engajadas no serviço missionário, devem se questionar criticamente em relação a isso, para não correrem o risco de em meio a todo o bem do seu trabalho, perder de vista o momento de servir com amor, em diaconia, e com isso perderem sua fidedignidade, pois “ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine” (1Co 13.1). Vida cristã, trabalho em comunidade e edificação de comunidade, sem amor, é insensível.

Se estivermos a caminho de uma comunidade diaconal, precisamos de olhos abertos para cada membro no corpo de Cristo, um interesse pelos outros, influenciado e motivado pelo amor de Jesus e uma prontidão, como a observada pelo apóstolo Paulo, em viver conjuntamente como corpo de Cristo e para auxiliar outros. Para tal, não se colocam limites à fantasia, a qual pode ser tida como irmã gêmea do amor. Precisa-se de cristãos que dispõem de tempo para outras pessoas, que as escutem, consolem, edifiquem e, não por último, ajudem de forma bem prática.

Mas a diaconia não inicia com o realizar, e sim, com o receber. Estando a caminho de uma comunidade diaconal, precisamos redescobrir não somente a proclamação (conforme III. 2.2), mas a totalidade do culto, da reunião da comunidade, na qual Deus mesmo nos serve, como a fonte de todo agir diaconal.

O culto é o local da diaconia de Deus; o local no qual Jesus Cristo, como cabeça da comunidade, serve a ela como seu próprio corpo, religando-a consigo, presenteando-a e fortalecendo-a.

Isso se torna claro, principalmente, na ceia, na qual “o diácono de todos os diáconos chama a si todos os cansados e sobrecarregados”,<sup>109</sup> à sua mesa os convida, e doa-se a si mesmo em pão e vinho. “Aqui o Senhor mesmo inicia um repartir, que irá prosseguir em nós mesmos, pois seu amor é daquele que se multiplica infinitamente, comparável com uma pedra, que é lançada na água e forma círculos ao seu redor, sem parar”.<sup>110</sup> A diaconia vive a partir do Senhor crucificado e ressuscitado. O amor diaconal de Cristo é a fonte para o amor diaconal da sua comunidade.

<sup>109</sup> C. MÖLLER, op. cit., p. 371.

<sup>110</sup> Op. cit., p. 372.

Esse amor também pode tomar forma em outros aspectos do culto, como na intercessão que vai além das colocações comuns e leva diante de Deus pedidos bem concretos da grande área da diaconia.

O anonimato de muitas comunidades tem levado, infelizmente, ao ponto em que o indivíduo, membro dessa comunidade, é citado nominalmente somente com a frase “veio a falecer na nossa comunidade”. Por que não se cita o nome antes? No espaço dado aos avisos e anúncios da comunidade, há a possibilidade de se informar sobre projetos e atividades diaconais, bem como trazer necessidades concretas, podendo-se orar pelos membros nominalmente, os quais se encontram em dificuldades, e assim encorajar e motivar à prática do engajamento diaconal.

“Diaconia resulta do culto da comunidade. Ela é a fé viva, o amor presente, a esperança eficaz”.<sup>111</sup> O que se recebe domingos no culto, deve ser dado adiante no culto do dia-a-dia (cf. Rm 12.1). Ao lado da pregação e da ceia, vale aqui também redescobrir o poder da benção. Ao final do culto, a comunidade recebe a benção de Deus, e sendo abençoada, pode vir a ser benção para outros. Ela é enviada ao cotidiano missionário e diaconal. Esse pensamento também pode, a partir disso, fazer com que os membros da comunidade, que receberam a benção, venham a apresentar o serviço diaconal. A recepção pessoal da benção e a conseqüente incumbência ao serviço não serão apenas positivas aos que estão diretamente em questão, mas também poderão fortalecer a consciência da diaconia da comunidade como também melhorar a visão para a dimensão da diaconia.

Partindo do culto como a fonte de todo agir diaconal, cabe a cada cristão descobrir as próprias possibilidades e dons e a desenvolver um estilo de vida missionário e diaconal. “Diaconia é um movimento que alcança e motiva os cristãos, dirigindo-se às outras pessoas, exprimindo assim sua fé. A todos os que se deixam levar por esse movimento, o testemunho bíblico se abre como uma fonte invencível para a coragem por mudanças, auxílio para a pobreza, o sofrimento, necessidades e para a dor. ... o que Jesus Cristo fala, no Novo Testamento, acerca do servir, e como Ele mesmo se portou como servo e em conformidade a isso agiu, permanece como modelo para o agir diaconal na atualidade”.<sup>112</sup>

“Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10). Essa instrução

<sup>111</sup> *Herz und Mund und Tat und Leben*, p. 79.

<sup>112</sup> *Ibid*, 73.

neotestamentária requer que cristãos se indaguem: de quem eu posso ser um próximo, como e onde? Onde necessitam de mim? Onde eu posso ser diácono ou diaconisa? Quais capacidades práticas, de mão-de-obra, de serviços domésticos ou até outros eu posso utilizar para o auxílio de outras pessoas? Quais bens confiados a mim, como casa, moradia, carro, jardim e muitas outras coisas maiores e menores eu posso empregar como ajuda para alguém outro? A quem eu posso dar um pouco do meu tempo, e com isso lhe fazer uma alegria? E, não por último, por quem eu posso interceder? Esses e outros questionamentos podem auxiliar o desenvolvimento de uma mentalidade missionária e diaconal, e podem nos levar a encontrar uma “fé que é ativa no amor”.